AFETOS ENTRE TERRITÓRIOS
Um projeto processual e itinerante

Maria Virginia Gordilho Martins (VigaGordilho)
EBA - Escola de Belas Artes da UFBA – Universidade Federal da Bahia

RESUMO:

A pesquisa contempla matrizes culturais distintas, espelhadas na confecção de 730 peças em pequenos formatos, intituladas objetos - afeto, construídas por mãos de artesãos e artistas entre territórios da África, Europa, América do Norte, Ásia e América Latina. A cada mostra processual e itinerante realizada, no período de 5 anos, as referidas peças, devidamente etiquetadas, foram agrupadas, totalizando 365 pares, distribuídas em 12 módulos correspondentes a cada mês do ano. No processo, foram catalogadas por bolsistas PIBIC em fichas específicas, desde a sua gênese, a realização de oficinas, documentação fotográfica, catalogação de matérias-texto, exposições processuais, envio de imagens dos pares de objetos-afeto para todos os autores do projeto.

Palavras-chave: Objeto, afeto, matriz

ABSTRACT:

The research contemplates distinct cultural matrixes which are reflected in the production of 730 art pieces, in small shapes, called affection-objects, made by artisans and artists from Africa, Europe, North America,Asia and Latin America. These little pieces of Art were labeled, joined in 365 pairs, and disposed in 12 sections, corresponding to the 12 months of the year, at procedural and itinerant art exibitions for three years. During this process they were cataloged, by PIBIC scholarship holders, in specific forms, from their origin to workshops, passing through photographic documentation, material they are made of, texts,the procedural exibitions and the delivery of images of the pairs of affection-objects to all members that take part in this project.

Key words: *Objects, affection, matrixex.*

Qual a potência visual deste "entre"?

É preciso ir à África. É preciso ir à África para compreender nossa própria cultura, é preciso ir á África para compreender os que falam dela como se falassem de outro mundo. Porque é de outro mundo que se fala quando se fala do continente africano.

Um universo plural repleto de múltiplas identidades construídas com distintos grupos étnicos, em constantes deslocamentos, que apesar das imposições, domínio, poder

e "roubo" de gente e riquezas, lutaram e lutam pela sobrevivência de cada matriz simbólica.

Há assim muitas "Áfricas" que ainda se misturam e tecem culturas na busca de uma sobrevivência digna, entrelaçando símbolos em um processo de transformação e desterritorialização contínuo, como nos situa o historiador Alberto da Costa e Silva no seu livro Um Rio Chamado Atlântico, a África no Brasil e o Brasil na África. [1]

> Preocupado com nós próprios, com o que fomos e somos, deixamos de confrontar o que temos de herança da África com a África que ficou no outro lado do Oceano, tão diversificada na geografia e no tempo. No entanto, a História da África – ou, melhor, das várias Áfricas -, antes e durante o período do tráfego negreiro, faz parte da história do Brasil. Quando esta começa?

Retomando o questionamento da citação acima, sempre me perguntei – quando esta terminou? Foi buscando respostas que retornei ao continente africano em 2005. Em Pretória, juntamente com a Professora da UNISA – *University of South África,* a artista Célia de Villiers, conversamos muito sobre a possibilidade de criarmos um projeto de arte que falasse dos "afetos" que ficaram perdidos entre as duas margens dos nossos continentes, durante o período da escravidão. Durante o nosso diálogo surgiram vários questionamentos:

Como estes "afetos" poderiam ser transladados para poéticas artísticas em nossos territórios? Que forma, cor e dor teriam estes "afetos"? Onde e como ficaram perdidos? Em que recorte de tempo? Qual a potência visual deste "entre"? Quais as linguagens possíveis de articulação artística "entre" nossos territórios? Como seriam vistos?

Nesta oportunidade, decidiu-se que era preciso estabelecer as diretrizes fundamentais do projeto de pesquisa e ir a campo buscar as possíveis respostas, sobre a potência deste "entre", o que me reportou de imediato ao princípio do rizoma descrito por Deleuze e Guattari[2], pois o projeto "Afetos" também, "não cessaria de conectar cadeias semióticas, que remetessem às artes e às lutas sociais. Como um tubérculo, aglomeraria atos diversos, lingüísticos, gestuais, cognitivos, se fazendo bulbo, para evoluir por hastes e fluxos subterrâneos, ao longo de vales fluviais ou de linhas de estradas de ferro, espalhando-se como manchas de óleo", para nós, como manchas de sangue, de dendê e de petróleo.

Tentamos pensar onde estaria adormecida a potência visual deste "entre" surgiram outras questões:

- Entre margem e território?
- Entre rios e mares?
- Entre consciente e subconsciente?
- Entre escarificações e cinzelamentos?
- Entre trançados e signos corporais?
- Entre contas e contos?
- Entre fronteiras?
- Entre territórios dos integrantes do projeto?
- Entre os artistas?
- Entre os fruidores e os objetos – afeto?

Foi nesta perspectiva, que ainda em território africano, planejamos a primeira oficina com artistas e artesãos, para visualizarmos o que estamos chamando de "afetos" , pois acreditamos que a própria prática iria nos mostrar outros caminhos metodológicos sob realidades essencialmente heterogêneas, a espelho dos nossos próprios continentes africano e brasileiro escolhidos com pontos de partida.

Inicialmente, batizamos o projeto "Afetos roubados no tempo", e ainda na gênese, que ele seria atemporal. Definimos em seguida a formatação: - "afetos" seriam transladados para peças em pequenos formatos para facilitar o deslocamento, pois se optou também de que haveria em paralelo, como resultado das oficinas realizadas, uma exposição processual e itinerante.

Somada a perspectiva Deuleuziana referenciada anteriormente, realizamos a primeira oficina na construção das pequenas peças, objetivando que as mesmas refletissem com os materiais utilizados, a memória simbólica de cada lugar de origem do autor, visando que assegurassem o registro e a valorização de identidades distintas e suas pluralidades culturais.

Juntamos materiais, artistas e artesãs, numa tarde dourada de outono, no atelier de Célia na cidade de Johannesburg, solicitando a criação de um pequeno objeto, significativo para cada um, com lembranças da sua própria história e que

estabelecesse um elo continuo extremamente fluido, inesgotável, belo e generoso em sua essência, para aqueles que quisessem revelá-lo, e o compartilhar entre outros territórios.

É significativo salientar, que como tinha dificuldade de ser entendida, pois o inglês falado pelos sul africanos, continha uma mistura de dialetos locais ou se expressavam em africanês, busquei então, para uma melhor compreensão, uma mímica, mostrando com o próprio punho fechado que os objetos deveriam ser pequenos e não poderiam passar daquele tamanho. Pousando então a mão fechada no coração, salientava que cada peça criada deveria transladar para uma linguagem plástica "afetos" que foram retirados dos seus territórios ou estavam desaparecendo dos seus grupos étnicos ou poderiam estar escondidos, guardados, selados. Talvez tenha sido por ter repousado o punho fechado no peito, que a maioria dos objetos oriundos da África do Sul lembram a forma de um coração. Entretanto, foi exatamente a partir desta vivência, que as peças passaram a ser denominadas objetos-afeto.

Quando retornei ao Brasil, apresentei o projeto ao PPGAV – Programa de Pós Graduação em Artes e convidei gradativamente os membros do grupo de pesquisa MAMETO[3] CNPq para o integrarem, dando continuidade às oficinas. Territórios centrais em Mato Grosso, em Goiás foram visitados, assim como outros estados brasileiros, Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Brasília e São Paulo. A cada oficina realizada, apresentavam-se, em paralelo, exposições processuais. Nesta dinâmica, gradativamente a pesquisa ia se formatando e se multiplicando, pois artistas de outros paises também começaram a enviar peças oriundas dos mais diversos países da África, Europa, América do Norte, Ásia e América Latina .

Com esta abrangência, precisou-se delinear uma metodologia mais específica e estabeleceu-se que o total de objetos seriam 730 (setecentos e trinta), distribuídos em 365 (trezentos e sessenta e cinco) pares. Um par correspondente a cada dia de qualquer ano, formatando assim uma dupla de artistas que pudessem dialogar atendendo-se aos itens e conceitos apontados.

Dialogo entre objetos-afeto: Cuba e Brasil Foto: Valéria Simões Goethte Institut 2005,

Qual o seu objeto-afeto?

A realização das oficinas neste projeto foi fundamental para propiciar o contato direto com o artista e artesãos de cada território. Através delas, foi possível instigar em curto espaço de tempo, a comunidade em geral, a participar do exercício de reflexão, paralelo a criação de objetos-afeto. A questão: "Qual o seu objeto afeto?, foi o ponto de partida e o percurso entre os objetos expostos a referência de sensibilização para a criação da pequena obra , o monitor/bolsista pibic o mediador, o fruidor parte integrante do processo. Todos os três foram considerados no projeto elementos coadjuvantes. Quando o diálogo é o conceito fundamental e unificador também no projeto de curadoria de uma exposição, o ciclo se fecha. Esta é a proposta do eixo oficina/exposição processual e itinerante do projeto de pesquisa AFFETOS ROUBADOS NO TEMPO/MAMETO CNPq, uma curadoria dialogal, que visa à aproximação de artistas e no máximo à participação de todas as instancias envolvidas no processo. Uma situação peculiar, inovadora e cheia de desafios, porque tem o diálogo "entre" territórios como proposta transformadora.

Para melhor operacionalização do trabalho, a oficina foi dividida em 5 (cinco) etapas:

Objetivo, Sensibilização, Operalização, Conceituação, Integração,

objetivo:

Desenvolver a capacidade perceptiva, propiciando um melhor conhecimento das potencialidades matéricas de cada lugar de origem do autor e o entrelaçamento da

matéria-memória e conceito na criação de uma obra em pequeno formato, buscando uma linguagem contemporânea.

sensibilização:

Passear entre os objetos-afeto da mostra, sentindo os mesmos através do toque.

operalização:

Conhecer o grupo e o meio em que vivem e solicitar que recolham materiais que expressem e simbolizem as memórias de cada um.

Conceituar o material disponível, ouvindo a turma e criando perguntas contextualizadas com o próprio material trazido por eles.

Exemplificações: Qual o material que oferece essas características?

Dureza X fragilidade (Seixos rolados, folhas...).

Textura X superfície lisa (Troncos de árvores, sementes ovos...)

Propriedades de colar (Resinas de árvores, cartilagens de animais, gema, CMC, clara de ovo, cera de abelha...).

Propriedades de colorir ou pintar: (Corantes: plantas, raízes, sementes, cascas de frutas, verduras e Pigmentos: terras...).

Propriedades de servir como suporte (Casca de árvore, retalhos de tecido, fragmentos de papel, couro, metal, pele, plástico, sucatas industriais..)

Flexibilidade e mobilidade (bambu, arame...)

Marcas e gravados (reprodutividade), gravura e fotografia.

Bordados e trançados (Fibras vegetais, sintéticas...)

Demonstrar em seguida que o potencial intrínseco do material disponível poder gerar uma configuração bi ou tri dimensional, referente à sensibilização individual de cada participante, relacionado com a vivência individual.

Dividir o grupo (máximo 30 pessoas), em três núcleos de trabalho, em local disponível próximo ao próprio espaço expositivo.

Selecionar o material trazido pelos participantes e separar em três categorias: CAPACIDADE DE TINGIR E PINTAR, APROPRIAÇÃO DE OBJETOS E AÇÕES COMO: RASGAR, QUEIMAR, COSTURAR, MOLDAR, BORDAR, FURAR, ENGARRAFAR, ENLATAR, REPETIR...

Construir imagens relacionadas com cada identidade/memória dos discentes, atendendo a percepção e necessidade criativa de cada participante.

Conceituação

Objetivando-se a identificação de cada objeto-afeto, solicitar ao autor, uma etiqueta em cartolina branca com a dimensão de 3X9cm..

A etiqueta deverá ser anexada com náilon em cada obra, de forma a propiciar um movimento giratório, passando o fio através de um ilhóis prata para facilitar a leitura em ambos os lados:

Frente – Conceito sobre a obra realizada (Um pequeno texto, frase, palavra ou outra qualquer expressão gráfica), escrita na língua de origem do artista, com sua assinatura.

Verso – Nome (ou pseudônimo), endereço completo, incluindo CEP, e-mail e TEL / FAX (Opcional), em letra de forma.

integração

Apresentação das peças criadas pelos participantes, promovendo uma melhor visualização do processo desenvolvido.

Retorno a exposição para observar as peças expostas observando desde o micro ao macro espaço, as relações existentes, escolhendo algumas para leitura dos conceitos escritos nas etiquetas, analisando o contexto em cada mês do ano, onde foram agrupados os objetos, refletindo sobre as analogias ou antagonismos matéricos e conceituais que estabeleceram a aproximação das pequenas obras para formatarem os pares.

Percepção mais detalhada de alguns objetos - afeto realizado por artesão e/ou artistas em várias partes do mundo, inseridos no projeto, enfatizando a importância de cada um ter valorizado o potencial matérico do seu território local a sua própria identidade.

Auto avaliação da obra criada e a possibilidade da inserção do seu próprio objeto no projeto, escolhendo o local e o diálogo apropriado para formatação do par.

Diálogo entre um par de objetos-afeto; Brasil e África do Sul Foto: Valéria Simões Goethte Inst.2005,

365 pares= 730

As aproximações entre os objetos-afeto para formatação dos pares foram feitas no percurso, enquanto o projeto caminhava... Às vezes por analogias matéricas ou conceituais, às vezes por antagonismos interessantes, Assim, as peças iam se encontrando. Inicialmente, podiam-se escutar os sussurros, depois as conversas. Então surgiram pouco a pouco as duplas, os grupos, as famílias, os meses e finalmente os conceitos. Foi neste processo que a cada oficina realizada e a cada mostra itinerante que o projeto recebia mais objetos e os pares eram paulatinamente aglutinados aos doze núcleos mensais. Esta ação gerou conceitos temáticos e polissêmicos para cada mês do ano, designados também através da observação das "famílias" formadas. Dualismos? Dicotomias? Rupturas? O que para aconteceu, é que por inúmeras vezes os conceitos mensais foram construídos e desconstruídos paralelo à formatação das famílias, até chegar-se aos que pontuamos a seguir:

- JANEIRO – (RE) CORRENTES: Formatado por 31 pares de obras em pequenos formatos, que conceituam florestas, mato, árvores... e se materializam pelo uso de fibras naturais, sementes, madeira, argila...

- FEVEREIRO – (RE) FLUXO: Formatado por 28 pares de obras em pequenos formatos, que conceituam as águas dos oceanos, rios, cachoeiras... e se materializam pelo uso da transparência, através de materiais como : vidros, acrílicos, acetatos, contas e por materiais e conceitos relacionados ao mar como, lendas, mitos, lendas, corais, búzios, espelhos e metais;

- MARÇO – (RE) VELADOS: Formatado por 31 pares de obras em pequenos formatos, que conceituam mistérios... e se materializam pelo uso de fotografias, negativos e geram veladuras;

- ABRIL – (RE) FEITOS: Formatado por 30 pares de obras em pequenos formatos, que conceituam a reciclagem de materiais e se materializam pelo uso de apropriação das mais variadas sucatas;

- MAIO – (RE) TIROS: Formatado por 31 pares de obras em pequenos formatos, que conceituam recolhimentos, silêncio... e se materializam pelo uso de materiais híbridos que se cerram em si mesmo;

- JUNHO – (RE) FRESCOS: Formatado por 30 pares de obras em pequenos formatos, que conceituam a alegria, os festejos, o riso e se materializam pelo uso de materiais coloridos, como fitas, ligas, retalhos, bicos, rendas, botões, especialmente em cor vermelha;

- JULHO – (RE) PARTIDOS: Formatado por 31 pares de obras em pequenos formatos, que conceituam a dor, o sofrimento, a morte e se materializam pelo uso de materiais que ferem como agulhas, espinhos, pedaços de vidro, alfinetes, presilhas, pregos, arame farpado;

- AGOSTO – (RE) TOQUES: Formatado por 31 pares de obras em pequenos formatos, que conceituam a pele, o toque, o sexo e se materializam pelo uso de materiais como: pele, couro, tecido e cerâmica;

- SETEMBRO – (RE) CONSTRUÇÕES: Formatado por 30 pares de obras em pequenos formatos, que conceituam a moradia, o abrigo, o casulo e se materializam pelo uso de pigmentos e colagens em materiais variados;

- OUTUBRO – (RE) AÇÕES: Formatado por 31 pares de obras em pequenos formatos, que conceituam o corpo e se materializam pelo uso de fotografias e materiais híbridos;

- NOVEMBRO – (RE) CICLOS: Formatado por 30 pares de obras em pequenos formatos, que conceituam a dinâmica, a curva, o círculo e se materializam pelo uso de objetos circulares, como lâmpadas, pratos, esperas e discos;

- DEZEMBRO – (RE) POUSOS: Formatado por 31 pares de obras em pequenos formatos, que conceituam a parada, a reflexão e se materializam pelo uso de materiais variados que guardam, que pousam e voam como caixas, gaiolas, búzios, e penas;

As mostras itinerantes e processuais

Imagem Ateliê do pátio do Goethe Institut, em Salvador/Bahia 2005/2006 Foto: Valéria Simões

A primeira mostra foi inaugurada no Ateliê do pátio do *Goethe Institut,* em Salvador/BA, em 18 de novembro de 2005, contando na abertura com 60 objetos e no final do período de exposição em 21 de dezembro, com 120 peças, portanto no processo expositivo dobrou-se o número de participantes.

É interessante pontuar, que nesta primeira montagem, o projeto expográfico integrava os objetos expostos em arcos de ferro e sobre paredes, dialogando com os arcos existentes no *Goethe.* O projeto foi dividido em 12 (doze) núcleos, porém a conceituação correspondente aos meses do ano, foram sinalizados em giz em totens de ferro, pois, como já foi mencionado, esta era realizada em sintonia aos objetos recebidos, portanto, em constante processo de construção. indiciando à proposta o seu caráter processual.

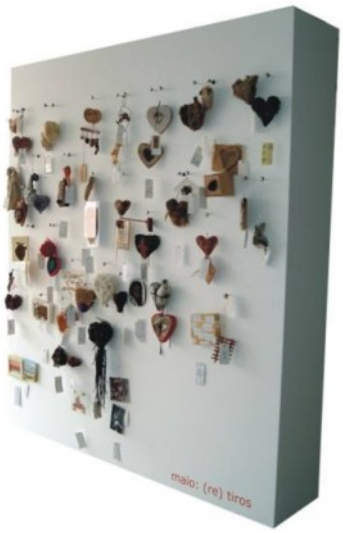
Neste ano de 2006 o projeto recebeu a estudante Rose Salles como bolsista PIBIC, que deu inicio ao registro das obras e dos artistas nas fichas catalográficas.

Galeria Capibaribe em Recife/Pernambuco Foto: Valéria Simões 2006

No período de 15 de março a 26 de abril 2006, o projeto foi mostrado em Recife na Galeria Capibaribe da UFPE – Universidade Federal de Pernambuco, sob a co-curadoria da artista Suzana Azevedo, incluindo-se mais 80 objetos, em uma montagem totalmente aérea, dialogando com a disposição de mercadorias expostas em feiras livres pernambucanas.

Museu Théo Brandão em Maceió/Alagoas Foto: Arquivo 2006

De 07 a 30 de junho do mesmo ano, a mostra foi montada em Maceió, sob a co-curadoria da artista Ana Glafira, no Museu Théo Brandão da UFAL - Universidade Federal de Alagoas. Nesta mostra, o projeto foi instalado nos próprios ninchos existentes no Museu, mas predominando também uma expografia aérea. Durante a passagem por Maceió, aglutinou-se mais 49 (quarenta e nove) objetos, formatados nas oficinas realizadas no SESC de Maceió.



Espaço cultural Eugénie Villien em São Paulo/São Paulo Foto: Arquivo 2006

Em dezembro do mesmo ano, o projeto foi mostrado no espaço cultural Eugénie Villien da Faculdade Santa Marcelina em São Paulo, sob a co- curadoria de Mirtes Marins de Oliveira totalizando no final 330 (trezentos e trinta pares), em uma montagem sobre 12 (doze) painéis de madeira.

Neste ano o projeto recebeu mais duas bolsistas PIBIC, as estudantes Cibelle Avellar de Moraes e Édla Carvalho de Lima (voluntária) .

Caixa Cultural em Salvador/Bahia

Nesta oportunidade, a exposição foi estruturada com tótens aéreos distribuídos em 12 (doze) círculos telados em hastes de ferro, fixados ao teto distribuídas numa área de aprox. 5 m2 em salas conectadas, pintadas de preto, contendo focos de luz direcionados. Os objetos cadentes em cada totem puderam dialogar não só com os seus parceiros do dia, mas também com o universo exposto que podendo ser visto de todos os ângulos. Essa disposição conferiu aos objetos-afeto um *status* estrelar, remetendo-os às suas origens, valorizando suas identidades e facilitando o "entre" espaços, de maneira que os frutidores interagiram e puderam ler a nominação, origem dos artistas e o conceitos de suas obras por eles escritos nas ETIQUETAS fixadas nas mesmas, assim como tiveram condições de visualizarem todas as faces dos objetos e todos os objetos em suas faces.

Neste ano, o projeto teve a renovação da bolsa pibic de Cibelle Avellar de Moraes

Espaço Cultural José Lins do Rego João Pessoa/ Paraíba 2008

Em 2008, o projeto "Afetos" foi convidado para integrar a XII FENART - Festival Nacional de Arte, durante o Festival Nacional de Arte de 18 a 26 de abril no ESPAÇO CULTURAL JOSÉ LINS DO REGO em João Pessoa – Paraíba sob a co-curadoria do Professor Robson Xavier, do Departamento de Artes Visuais (DAV), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), contando com a participação ativa de monitores/voluntários do Grupo de Pesquisa em Arteterapia e Educação em Artes Visuais (GPAEAV) da UFPB.

A continuidade...

O objetivo mais precioso desse projeto é devolver á África o nosso AFETO em OBJETOS desse tempo de agora, onde ela se faz existir.

Bolsistas PIBIC 2009/2010 que trabalham na elaboração do livro

Vitor Menezes,Nicole Avillez

www.pilula.com.br/afetos

[1] COSTA e SILVA, Alberto. Um Rio Chamado Atlântico. A África no brasil e o Brasil na África. Conta capa.

[2] DELEUSE,Gilles, Mil platôs. 1995. p.16

[3] MAMETO , MAtéria, MEmória e conceiTO em poéticas contemporâneas. Grupo de pesquisa.CNPq.

Referências

ARGAN, Giulio Carlo. Arte moderna: *Do iluminismo aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

ARGAN, Giulio Carlo. *Guia de História da Arte*. Trad. M. F. Gonçalves de Azevedo. 2 ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1992.

COSTA E SILVA, Alberto. *Um Rio chamado Atlântico*. A África no Brasil e o Brasil na África. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

DELEUZE, Gilles. / FÉLIX Guattari .*Mil Platôs. Capitalismo e equizofrenia*, vol. 1/ Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

GORDILHO, Viga, *Cantos Contos Contas. Uma trama às Aguas como lugar de passagem.*P555 Edições, Salvador, 2004.

LEVÍ – Strauss. *C. Tristes Trópicos*. Paris: Plon, 1955.

MAE, Barbosa (Org.) *Arte/Educação Consonâncias internacionais.* São Paulo: Cortez,2005.

VIDAL, Lux. *Grafismo Indígena. Estudos de antropologia estética.* Edusp. São Paulo. 1992.

ZILIO, Carlos. *O Nacional e o popular na cultura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

VigaGordilho

Artista visual, PROFª.Dª. do Depart. de Historia da Arte e Pintura e do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais-PPPGAV da Escola de Belas ArtesEBA, Universidade Federal da BahiaUFBA. Realizou exposições na Europa, África, África do Sul. Em suas pesquisas, tece reflexões prático-teóricas, tendo como campo de percepção matrizes culturais afro-indígenas brasileiras. Membro diretor o Instituto SACATAR, Presidente ANPAP 2009/2010.